

# HG 711 - Tópicos Especiais de Epistemologia Geral VII

1º semestre de 2025 - 3ª Feira, 14h às 18h

**Prof. Silvio Seno Chibeni**

**Prova # 2 (24-6-2025)**

**Berkeley, *Princípios*, parágrafos 34 a 66**

## Observações:

- As questões têm pesos iguais.
- Responda de forma *objetiva*. Seja sucinto, mas não esquemático. Cuide para que cada sentença faça sentido completo.
- Indique de forma precisa os parágrafos dos *Princípios* pertinentes à suas respostas. *Sem tais indicações as respostas serão consideradas erradas.*

## Responda a 5 das 7 seguintes questões:

1. A frase do parágrafo 34 com a qual Berkeley enuncia a primeira objeção ao seu sistema filosófico é a seguinte: “Objetar-se-á que, pelos princípios precedentes, *tudo o que é real e substancial seria banido do mundo.*” A oração em itálicos contém, na verdade, duas afirmações, uma das quais ele *rejeita* (em sua longa réplica, até o parágrafo 39) e outra com a qual ele *concorda*. Distinga-as e explique por que ele discorda de uma e concorda com a outra.
2. No primeiro capítulo do livro *Os Problemas da Filosofia* (cuja leitura foi fortemente recomendada ao longo do curso, tendo sido comentado pelo professor em aula em diversas ocasiões), Bertrand Russell distingue a “aparência” dos objetos físicos de sua “realidade”. Depois de dar os principais argumentos para a distinção, ele diz (9º parágrafo do capítulo): “Assim, torna-se evidente que a mesa real, se é que existe uma, não é a mesma que experimentamos diretamente pela visão, tato ou audição. A mesa real, se houver uma, não é *imediatamente* conhecida por nós, de forma alguma, tendo de ser uma inferência a partir do que é imediatamente conhecido. Logo, duas questões muito difíceis se colocam, ao mesmo tempo, a saber: (1) Há, afinal, uma mesa real? e (2) Se houver, que tipo de objeto ela será?” a) Como Berkeley denomina aquilo que Russell chama de “aparência”? Justifique. b) Berkeley traça a distinção feita por Russell (com essa adaptação terminológica, claro)? Por que? Que

problema epistemológico importante ele resolve ou dissolve ao se posicionar desse modo?

3. Ainda com referência à citação da questão precedente, a) como Berkeley responderia a questão 1 de Russell? Explique. b) Como ele responderia a segunda questão? Explique.
4. Qual é a sexta objeção, exposta por Berkeley no § 50? Explique e correlacione a resposta de Berkeley com o que ele defende no § 19. (Ao explicar, cite textualmente as frases relevantes desses dois parágrafos.)
5. Qual a relação entre o § 25 e a 11<sup>a</sup> objeção ao seu sistema? Explique com razoável nível de detalhe.
6. Considerando o que Berkeley mantém ao responder a essa 11<sup>a</sup> objeção, diga se, para ele, seria possível que o relógio de papelão que o professor levou à sala de aula funcionasse. Justifique e mostre como, ao considerar esse problema (na sua versão, um relógio cuja “caixa” é vazia), ele elabora a *primeira* parte da resposta à objeção (§ 62).
7. A *segunda* parte da resposta envolve a apropriação da área chamada *semiótica* (que Locke havia caracterizado no *Essay*, book IV, cap. XXI, como “a doutrina dos signos”). Explique essa original resposta de Berkeley.

### Respostas do professor:

1. Do contexto, está claro que quando ele fala em “mundo” aqui está se referindo ao mundo físico. Ora, no sistema proposto por Berkeley os objetos que formam esse mundo, ou seja, os corpos, não são substâncias (como seriam, na perspectiva “materialista”), e sim conjuntos de ideias na mente de Deus, que ele partilha conosco na percepção sensorial. Ideias não são substâncias, apenas as mentes onde elas existem o são (Deus, homens, anjos, etc.). Logo, a objeção está *correta* quando afirma que Berkeley “baniu” tudo o que é “*substancial*” do mundo físico. Por outro lado, o objetor *erra* ao dizer que ele teria banido junto tudo o que é “*real*”, pois para Berkeley os corpos são tão reais como na hipótese materialista, como ele explicita nos parágrafos 33 e 34.
2. a) Para Berkeley e os modernos em geral o termo técnico para designar as aparências é *ideia*. Ideias são aquilo que está presente de forma imediata à mente, ou seja, o que “aparece”, e que os gregos chamavam de *fenômeno*. Veja-se, por exemplo, o uso do termo ‘ideia’ já no parágrafo 1 dos *Princípios*. Ideias são itens mentais, cuja existência consiste em serem percebidas (§ 3). b) Não; pois a distinção de Russell é entre ideias e suas supostas contrapartes materiais, os corpos e suas propriedades. Ora, para Berkeley simplesmente não há tais entes substanciais distintos das ideias; não há, pois, distinção ontológica a ser traçada. Corpos são meras “coleções de ideias” (§1). Com isso, o problema epistemológico central de Russell e dos modernos em geral – que é de como inferir que os corpos existem e têm propriedades tais e tais a partir das ideias – é dissolvido, simplesmente não surge. Corta-se, assim, a base do ceticismo que rondou toda a filosofia pré- e pós-berkeleyana.
3. a) Como já dito nas respostas às questões precedentes (1 e 2), Berkeley preserva (e reforça) a noção de realidade para os objetos físicos. Então para ele há, sim, uma mesa real, na situação discutida por Russell (em que ele percebe sensorialmente a mesa, e essa percepção é regular, estável, etc.). b) Também como já dito, para Berkeley os corpos, como a mesa de Russell, são coleções de ideias na mente de Deus; não são entes substanciais, e em particular não são materiais, pois não há matéria.
4. A objeção é que, no sistema de Berkeley, seriam perdidas as *explicações* dos fenômenos físicos pelas noções de “matéria e movimento”, já que não haveria mais matéria. No § 19 Berkeley já havia efetivamente respondido parcialmente essa objeção, questionando sua base, ou seja, a suposição de que ao postular a existência de matéria se poderia explicar “o modo de produção” de nossas sensações, que

redundam no surgimento de ideias na mente. Descartada a necessidade da matéria para a produção de ideias (§ 18), nesse parágrafo ele critica a tese mais fraca de que supor que existe matéria explicaria as ideias de sensação de modo “mais fácil”. Ora, ele nota que até mesmo os defensores dessa proposta (Locke, p. ex.) concedem que eles não sabem “como nossas ideias são produzidas” pela matéria, já que não compreendem como um corpo material poderia “agir sobre o espírito”. No § 50 ele reitera o ponto, dizendo que, à falta dessa compreensão, postular a matéria “não teria nenhuma utilidade na filosofia natural”. Seu sistema, por outro lado, prescinde da resolução desse problema, pois ele não existe. Ele mantém, porém, o papel explicativo da filosofia natural, mas sem recorrer à matéria: ao invés de matéria ele evoca simplesmente corpos, entendidos como conjuntos de ideias (ideias essas que correspondem exatamente ao que os materialistas dizem que são *propriedades* dos corpos). “... não há nenhum fenômeno [supostamente] explicado por aquela suposição [da existência da matéria] que não possa ser também explicado sem ela...”. (Ver o artigo de S. S. Chibeni, “Berkeley e uma física sem causas eficientes”, cuja leitura foi recomendada várias vezes no curso.)

5. A 11<sup>a</sup> objeção depende essencialmente da tese da inatividade dos corpos, defendida no § 25. Pergunta-se para que Deus criaria partes dos corpos vivos sem que elas pudessem ser entendidas como mecanismos causais, responsáveis pelo “funcionamento” desse corpos; e o mesmo vale para os corpos artificiais criados pelos homens, como relógios e outras máquinas. Nada disso faria sentido se essas partes, sendo corpos, não tivessem o poder de agir umas sobre as outras.
6. Sim: “... embora a fabricação de todas aquelas partes e órgãos não seja absolutamente necessária para produzir nenhum efeito...” (§ 62); e, mais adiante, no mesmo parágrafo: “... não se pode negar que Deus ... poderia, se quisesse produzir um milagre, causar todos os movimentos do mostrador de um relógio [ponteiros], sem que ninguém tivesse arranjado os movimentos [partes internas, engrenagens] e os colocado dentro dele...”. Deus é a mente que faz com que os corpos existam, na condição de suas ideias, e tem sobre elas poder total. Berkeley porém considera – e esta é a primeira resposta que dá à 11<sup>a</sup> objeção – que Deus usualmente *não* opera dessa forma, porque quer “produzir as coisas de modo constante, regular, segundo as Leis da Natureza” (§ 62), possibilitando, assim, que suas criaturas inteligentes, as mentes dos homens, etc., possam saber o que esperar quando certas ideias se apresentam (i.e. quando elas observam certos corpos em tais e tais configurações) e assim manipular os corpos “para fazer coisas artificiais para o uso e ornamento da vida, e explicar os vários fenômenos” (ibid.).

7. Após reformular a 11<sup>a</sup> objeção no § 64, Berkeley propõe uma reinterpretação das relações que antes eram tidas como de causa e efeito: elas seriam, na verdade, de *signo* e *coisa significada* (§ 65). Assim, “o fogo que vejo não é a causa da dor que sofro ao dele me aproximar, mas uma marca [signo] que me adverte da ocorrência próxima dessa dor” (ibid.). Estendendo a analogia, ele propõe ainda que as regularidades observadas nas partes dos corpos – as leis da natureza de caráter mais geral – são como que “letras” com as quais Deus nos transmite, de maneira simples e inteligível “uma abundância de informações sobre o que esperar de tais e tais ações, e que métodos são apropriados para excitar tais e tais ideias” (ibid.) Por exemplo, se eu quiser fazer ponteiros que girem e marquem as horas da forma usual, devo arranjar tais e tais molas, pinos e engrenagens, ligando-as aos ponteiros – i. e. exatamente o que os relojoeiros aprenderam a fazer a partir do conhecimentos das leis mecânicas fundamentais.

\*.\*.\*